

Como ensinar na EJA? A formação que ainda falta

Valéria Moreira Dias¹
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
João Vítor Barbosa Souza²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Eixo: Formação inicial e continuada de professores da EJA

Palavras-chave: Educação de Jovens Adultos. Formação Inicial. Pedagogia.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade da educação básica destinada àqueles que, por diferentes razões históricas, econômicas, sociais e culturais, não tiveram acesso ou não puderam permanecer na escola na idade apropriada. De acordo com o Parecer CNE/CEB nº 11/2000, a EJA é definida como “uma modalidade marcada pela pluralidade de sujeitos, trajetórias interrompidas e direitos historicamente negados”, o que exige práticas pedagógicas específicas e docentes com sólida formação teórica e política. Sendo assim, ensinar na EJA implica reconhecer a complexidade do seu contexto, bem como as especificidades das pessoas que fazem parte da sua composição.

Na formação inicial de professores, especialmente nos cursos de Pedagogia, observa-se um distanciamento entre a complexidade da EJA e a preparação oferecida. Em geral, os currículos incluem apenas uma disciplina obrigatória sobre o tema, revelando uma formação fragmentada. Como destaca Arroyo (2017, p.32), “a EJA segue sendo tratada como um anexo do sistema educacional, e seus educadores, como improvisados diante de demandas profundas”. Diante dessa realidade, o presente estudo tem por objetivo geral compreender de que modo a formação inicial nos cursos de Pedagogia tem se mostrado limitada para preparar professores para a atuação na EJA.

Especificamente, busca-se analisar como a EJA tem sido historicamente marginalizada nos currículos dos cursos de Pedagogia e discutir os impactos decorrentes desse contexto na formação e na prática educativa voltada a esse público. Assim, justifica-se essa pesquisa na intenção de promover uma reflexão sobre a necessidade de um olhar mais aprofundado em

¹ Graduanda em Pedagogia. Extensionista no Projeto Contando Africanidades
E-mail: valeriamoreiradias01@gmail.com

² Graduando em Pedagogia. E-mail: joaovitorbarbosasouza8@gmail.com

relação à formação inicial de professores para a EJA, reconhecendo essa modalidade como parte essencial do sistema educacional brasileiro.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, baseada na leitura e análise de documentos oficiais e referenciais teóricos sobre a EJA e a formação docente. Foram selecionados autores que discutem a especificidade da modalidade, como Freire (1996), Arroyo (2017), Di Pierro (2000), além dos documentos normativos, a exemplo do Parecer CNE/CEB nº 11/2000 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (BRASIL, 2006).

O percurso metodológico consistiu em levantamento e seleção das obras com relevância para o tema, análise interpretativa do material visualizando a problemática da formação inicial e articulação entre as lacunas apontadas pela literatura e o contexto organizacional dos currículos de Pedagogia, que reservam espaço reduzido para a EJA. A partir desse procedimento, elaborou-se a análise, buscando identificar limites e implicações pedagógicas da ausência de formação específica para a EJA nos cursos de Pedagogia.

Análise dos Resultados

A análise da literatura evidencia que a formação inicial para atuação na EJA permanece insuficiente, marcada por uma abordagem superficial e desconectada da realidade vivida pelos educandos jovens e adultos. Embora o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 destaque que a EJA requer “posturas pedagógicas diferenciadas” e docentes com sólida compreensão crítica da desigualdade social, os cursos de Pedagogia, em sua maioria, não contemplam essa complexidade em seus currículos.

Tal contexto decorre da ausência de ações específicas e articuladas por parte do Estado voltadas à EJA, o que evidencia uma negligência histórica em relação a essa modalidade, sobretudo em relação a formação docente, que conforme nos diz Meneses e Bastos (2025, p.92): “encontra-se numa situação de alerta, de modo que historicamente o Estado não tem proporcionado ações efetivas para que se tenha uma formação na altura que os jovens e adultos merece”. Diante dessa realidade, torna-se indispensável uma reestruturação nos currículos dos cursos de licenciatura, especialmente nos de Pedagogia, destinando maior espaço para a EJA.

Desse modo, as complexidades que atravessam essa modalidade poderiam ser aprofundadas de maneira mais consistente, ao mesmo tempo em que seus aspectos sociais, políticos e culturais seriam explorados em toda a sua amplitude, reconhecendo os contextos em se encontram inseridos o sujeitos constituintes da EJA.

A EJA como campo marginalizado na formação inicial

Historicamente, a EJA foi tratada como política compensatória, emergencial e de baixa prioridade. Essa marca se reflete na formação dos professores. Como afirma Di Pierro (2000, p.46), “a EJA foi empurrada para as margens das políticas educacionais”, resultando na ausência de sistematização de saberes próprios à modalidade. Essa marginalização aparece na estrutura dos cursos de Pedagogia, que geralmente incluem apenas uma disciplina obrigatória voltada à modalidade, disciplina esta que, por sua carga horária, não dá conta dos fundamentos epistemológicos e metodológicos necessários.

Arroyo (2017, p.41) observa que a formação docente para a EJA ainda sustenta a lógica da improvisação, quando aponta que “Se improvisam professores e improvisam-se currículos, como se a EJA pudesse ser atendida por qualquer um e de qualquer forma”. Essa crítica revela que a escassez de debates na graduação reforça o entendimento equivocado de que atuar na EJA é simples ou inferior em relação a outras etapas.

Nos currículos atuais de Pedagogia, a disciplina de EJA costuma contemplar temas introdutórios, como histórico da modalidade, legislação e abordagens pedagógicas gerais. Entretanto, os autores são unânimes em afirmar que esse recorte é insuficiente.

Paulo Freire (1996, p.47) já advertia sobre o papel crítico do educador ao trabalhar com sujeitos jovens e adultos: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Compreender essa perspectiva implica formação política e metodológica, algo que uma disciplina isolada dificilmente desenvolve na profundidade necessária.

Além disso, Haddad e Di Pierro (2000) apontam que a EJA demanda uma pedagogia que articule trabalho, cultura, identidade e direitos sociais, elementos que exigem forte vínculo entre teoria e prática. No entanto, a formação inicial raramente oferece práticas de estágio específicas na EJA, mantendo os alunos da Pedagogia distantes das realidades concretas dessa população.

Arroyo (2017, p.57) enfatiza que “os jovens e adultos carregam marcas da desigualdade e da exclusão, e isso exige do educador outra forma de olhar e outra forma de estar na escola”. Sem formação consistente, o docente tende a aplicar modelos pedagógicos destinados a crianças, o que desconsidera as especificidades das pessoas que compõem a modalidade EJA.

A literatura também aponta que a ausência de formação contribui para a rotatividade de professores, já que muitos se sentem inseguros diante dos desafios da modalidade. Como afirmam Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), a falta de preparação gera “sentimentos de incerteza e inadequação”, afetando diretamente a permanência e a qualidade do trabalho docente.

Considerações Finais

A análise realizada permite concluir que a formação inicial em Pedagogia permanece insuficiente para preparar adequadamente o professor para atuar na Educação de Jovens e Adultos. A existência de apenas uma disciplina dedicada à modalidade configura uma formação fragmentada, que não dá conta da complexidade pedagógica, social e política que caracteriza a EJA.

Embora os documentos oficiais enfatizem a necessidade de profissionais qualificados, críticos, que sejam atentos às especificidades dos sujeitos jovens e adultos, os currículos dos cursos de Pedagogia continuam a reproduzir a histórica marginalização da modalidade. Essa lacuna formativa repercute diretamente na prática docente, gerando reprodução de metodologias inadequadas e pouca valorização do direito à educação ao longo da vida. Portanto, torna-se urgente repensar os projetos pedagógicos dos cursos de Pedagogia, ampliando a carga horária dedicada à EJA, garantindo estágios específicos e fortalecendo o diálogo entre teoria e prática.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC/CNE, 2000.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1/2006**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Brasília: MEC/CNE, 2006.

DI PIERRO, Maria Clara. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: trajetória recente**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, p. 109–128, 2000.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos CEDES, v. 21, n. 55, p. 59–78, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, M. C. **Aprendizagem de Jovens e Adultos: políticas e práticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

MENESES , M. J. G. .; BASTOS, J. M. . **Os Desafios da Formação dos Professores e a Realidade Sociocultural dos Alunos da Eja.** Revista Científica FESA, [S. l.], v. 3, n. 29, p. 80–95, 2025.